

O GLOBO
1/5/97 4
115

Roosevelt morreu nos EUA, mas de 'amazonite'

Theodore, o primo do também presidente Franklin, não se recuperou depois da viagem com Rondon que se tornará filme

Sérgio Augusto

Nove em cada dez brasileiros talvez não saibam distinguir Theodore Roosevelt de Franklin Roosevelt. Graças ao cinema, ficarão sabendo quem foi um e outro. Franklin, presidente dos EUA de 1933 a 1945, é aquele que aparecerá ao lado de Getúlio Vargas, durante a Segunda Guerra Mundial, numa cena de "For all — O trampolim da vitória", de Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz, com estréia prevista para daqui a quatro meses. Theodore, presidente dos EUA entre 1901 e 1909, é aquele que se embrenhará pelas nossas selvas no filme de Roberto Farias, "The american guest — O hóspede americano", a ser rodado no ano que vem. Franklin aparecerá quase de relance em "For all", ao contrário de seu primo, que, possivelmente encarnado por Michael Douglas, será um dos heróis da ambiciosa aventura planejada por Farias, que deverá ter Marcos Palmeira no papel do então coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, guia do hóspede americano no inferno verde amazônico.

Teddy Roosevelt e Rondon enfiaram-se no mato em fevereiro de 1914 e lá ficaram dois meses. Em recente entrevista, Farias disse que Roosevelt "veio ao Brasil para caçar animais para o Museu de História Natural de Nova York" e que "o Governo brasileiro, preocupado, escalou o Rondon para conduzir o ex-presidente pelo sertão". Espero que o roteiro de seu filme relativize um pouco as

coisas. Embora adorasse caçar, Roosevelt só abateu dois animais em sua aventura amazônica.

Na verdade, o objetivo de sua expedição era puramente científico, limitando-se a pesquisas sobre mamíferos e pássaros, patrocinadas pelo diretor do museu nova-iorquino, Henry Fairfield Osborn, e Frank Chapman, seu curador de ornitologia. O Governo brasileiro não a recebeu com desconfiança; ao contrário, entusiasmado com a participação de profissionais de reputação internacional, como os naturalistas George K. Cherrie e Leo E. Miller, íntimos de nossa floresta tropical, tudo fez para transformá-la numa grande viagem de "reconhecimento zoogeográfico", com vistas ao mapeamento de uma vasta região na Amazônia.

John Updike recomenda livro de Roosevelt

Em outras palavras: pegamos carona na expedição dos gringos e até lhe demos pompas de oficialismo, intitulado-a de "Expedição Científica Roosevelt-Rondon". À frente da manobra, nosso ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, a quem Roosevelt dedicaria o relato da viagem, "Through the Brazilian wilderness" ("Através do sertão brasileiro"). Reeditado em 1994 pela Stackpole Books, é um cartapácio de 410 páginas, prefaciado por um bisneto do ex-presidente, Tweed Roosevelt (que em 1992 seguiria o itinerário do bisavô, acompanhado por outros 19 aventureiros), e recomendado até por gente sem



THEODORE ROOSEVELT (à esquerda) e Rondon: desavenças fora de livro

lastro científico, como o escritor John Updike. O autor estende sua dedicatória a Rondon, a quem define como "um oficial galante, um nobre cavalheiro e um intrépido explorador".

Nunca tive simpatia por Teddy Roosevelt. Não tanto por abominar caçadores e sentir repulsa por certo tipo de exuberância (afinal de contas, o exuberante

Hemingway também foi cruel com animais selvagens, touros e amigos retraídos), mas por ter sido ele um dos primeiros artífices do que vulgarmente chamamos de imperialismo norte-americano. "Fala mansa e um porrete na mão" — este era o seu mote no trato com países que criassem qualquer obstáculo aos interesses dos EUA. Achava que seu li-

vro seria o supra-sumo da arrogância. Não é, longe disso, é até relativamente modesto e bastante cortês com a figura de Rondon. Várias desavenças foram postas de lado por Roosevelt, informa o prefácio do bisneto, farto em detalhes sobre as omissões a que o autor, por excesso de pudor e delicadeza, se permitiu.

Padre americano foi mandado de volta durante a viagem

Roosevelt não reclama das artimanhas de Rondon para retardar a marcha, dando a impressão de que entre os dois jamais houve diferenças. Houve. Rondon tinha uma agenda mínima: produzir um mapa detalhado do Rio da Dúvida, que se supunha um afluente do Amazonas. Roosevelt queria e precisava ir em frente com mais rapidez, para chegar logo a Manaus, pois, com 55 anos de idade e 130 quilos de peso, não tinha o preparo físico exigido pelas asperidades de uma selva tropical. Comunicavam-se com alguma dificuldade, na única língua comum aos dois, o francês, que nenhum deles dominava. Roosevelt só aprendeu a dizer uma coisa em português: "Mais canja".

Sua briga com o padre John Augustine Zahm, autor intelectual da viagem, também foi varrida para debaixo do tapete. Molenga, paranóico e reclamão, Zahm enchia o saco de todo mundo. Quando começou a fazer proselitismo religioso, Roosevelt deu-lhe um esporro e despachou-o de volta. Outro episódio pelo qual o autor passa meio batido tem co-

mo protagonista um dos remadores da expedição, Júlio, que roubava comida e matou a tiros aquele que o delatara, fugindo em seguida para o coração da floresta. Para contar em minúcias todo o bafafá, Roosevelt seria forçado a tocar numa de suas maiores desavenças com Rondon. Nosso lendário desbravador era péla captura do assassino; Roosevelt, apressado e pragmático, contra.

A viagem, iniciada em Corumbá (Mato Grosso), foi uma sucessão de alumbramentos, surpresas (Roosevelt encantou-se com a flora, a fauna e até com uma pedrada dos índios parecis), provocações e dissabores. Como num filme de aventuras. O calor infernal, a umidade insuportável, a medicina precária, a comida escassa — ao fim de poucas semanas, a vontade de desistir era muito maior que a de continuar. Atacado por uma crise braba de malária e também vítima de desidratação e uma infecção na perna, Roosevelt perdeu quase 30 quilos e teve de pensar duas vezes para não ingerir a dose letal de morfina que levava na algibeira para situações extremas. Quase perdeu o filho Kermit num acidente de canoa, mas conseguiu resistir até o fim, ganhando como prêmio o batismo do rio procurado por Rondon, que passou de Dúvida a Roosevelt e, para não enrolar a língua dos nativos, acabou virando Teodoro. Estava um caco quando retornou à América e nunca mais se recompôs fisicamente. Cinco anos depois, morreria. Quase certamente de "amazonite". ■